

Literatura e espiritualidade: reelaborações de tempo, corpo e saberes

Todos os anos, somos confrontados, por meio das notícias que circulam na mídia, com novos episódios de intolerância religiosa. No Brasil, terreiros e comunidades vinculadas às religiões de matriz africana e afro-indígena têm sido constantemente alvos de violências, intolerâncias e racismo religioso (Nogueira, 2020). Em um contexto marcado por ataques a espaços sagrados, perseguições a comunidades religiosas e tentativas de silenciamento de determinadas práticas e saberes, pensar a espiritualidade torna-se também uma forma de (re)pensar as relações entre memória, poder, cultura e resistência.

Entretanto, pensar a espiritualidade apenas a partir da violência que busca silenciá-la seria limitar suas múltiplas formas de existência. A espiritualidade persiste, transforma-se, desloca-se e se reinventa por meio de práticas culturais, experiências coletivas e formas diversas de produção e transmissão de conhecimento. Na literatura, a espiritualidade pode emergir como ancestralidade e memória; como sonho, mito e imaginação; como experiência corporal e linguística; como relação com a natureza; como contato com o invisível e com os mortos; como questionamento das fronteiras entre razão e crença; ou, ainda, como espaço de disputa política e histórica. Mais do que representar sistemas de crenças ou práticas religiosas, a literatura participa da construção e da resignificação de diferentes modos de compreender e perceber o mundo e de habitar aquilo que, por vezes, escapa às explicações racionais.

É nesse horizonte que se insere o dossiê *Literatura e Espiritualidade*, que integra o volume 36, número 3, da revista *Aletria*, relativo ao ano de 2026. Reunindo vinte artigos, este número busca ampliar as discussões sobre as múltiplas maneiras pelas quais a literatura constrói, imagina, problematiza e resignifica a espiritualidade em suas diversas camadas. Os estudos aqui reunidos percorrem caminhos distintos: da poesia negra feminina como espaço de memória e espiritualidade ancestral à comunhão com a natureza a partir de saberes indígenas; das relações entre religião e poder no Brasil colonial às experiências corporais do sagrado, como a *glossolalia* e a possessão de corpos vivos por espíritos. Ao analisar obras de autoria de Franz Kafka, Cristian Alarcón, Giacomo Leopardi, Guimarães Rosa, Itamar

Vieira Júnior, Alice Walker, Eliana Alves Cruz, entre outros, os artigos reunidos neste volume demonstram a amplitude de formas e tradições por meio das quais a espiritualidade se manifesta no campo literário.

Uma parte significativa dos trabalhos que compõem este dossiê volta-se para as relações entre espiritualidade, memória e ancestralidade, compreendendo a literatura como espaço de transmissão e reelaboração de experiências e saberes que resistem ao apagamento. Em “Cartografias do Ori em ‘Amnésia’”, de Eliana Alves Cruz, Fábio Rodrigo Penna propõe uma leitura do conto a partir da Cartografia do Ori, tomando-a como base epistemológica para investigar as relações entre memória, ancestralidade e trauma histórico. A espiritualidade aparece, nesse contexto, como uma possibilidade de retorno a experiências e conhecimentos que sobrevivem às rupturas produzidas pela violência histórica.

Também voltado para a reelaboração de memórias culturais africanas, o artigo “Ogum à beira-mar: encruzilhada, memória, transmissão e resistência”, de Pauline Champagnat, examina *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz, e o conto “Ogum à beira-mar”, de Jeferson Tenório. A partir dessas obras, o estudo discute a importância da espiritualidade e da ancestralidade na transmissão de memórias historicamente reprimidas. Em diálogo com essas questões, Dênis Moura de Quadros, em “A flecha de Odé: o Batuque do Rio Grande do Sul na literatura-terreiro de João Carlos de Odé (1948-2009)”, propõe uma reflexão sobre o conceito de literatura-terreiro, deslocando as tradições de matriz africana de uma posição meramente temática ou simbólica para compreendê-las como formas de transmissão de experiência e memória.

A relação entre ancestralidade, corpo, história e escrita também orienta “Espiritualidade em espirais na poesia afro-diaspórica contemporânea”, de Felipe Fanuel Xavier Rodrigues. A partir do conceito de tempo espiralar, de Leda Maria Martins, o artigo investiga a maneira como a memória ancestral, a história e a espiritualidade constituem formas de afirmação da vida na poesia afro-diaspórica contemporânea. Corpo e escrita, nesse movimento, tornam-se lugares em que temporalidades distintas se encontram e em que o passado não permanece encerrado, mas continua a atravessar e a constituir o presente.

A questão da transmissão também se apresenta sob outras formas nos artigos de James Rios de Oliveira Santos e Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin. Em “Entre o sagrado e o estético: a literatura afrorreligiosa brasileira”, Santos articula as relações entre as religiões de matriz africana e a literatura afro-brasileira, considerando, entre outras questões, episódios recentes de intolerância religiosa e censura no ambiente escolar. Já em “Os hinos do Santo Daime: um diálogo com os estudos literários”, Boarin investiga a contribuição dos estudos literários para a compreensão dos hinos do Santo Daime, tomando a linguagem como espaço de acesso à história e à experiência dessa tradição religiosa. Em conjunto, esses estudos evidenciam como diferentes formas literárias e artísticas participam da preservação e da circulação de saberes espirituais.

Enquanto em alguns dos artigos a espiritualidade aparece como memória e transmissão, em outros ela se manifesta como uma experiência que desestabiliza a separação entre corpo e espírito, matéria e imaterialidade, linguagem e sentido. Em “The Dybbuk between several worlds: spectropolitics, the demon, and the devastation of the future in Tony Kushner”, Vanessa Cianconi investiga a figura do espírito que possui corpos vivos, articulando folclore, misticismo e teatro. Nesse estudo, a possibilidade de materialização do imaterial aproxima-

-se da questão do infamiliar, conforme formulada por Freud, e evidencia a potência do teatro para tornar sensível aquilo que escapa à percepção ordinária.

A experiência corporal do espiritual também está no centro de “É através da pele que faremos a metafísica entrar nos espíritos: crueldade e espiritualidade no uso da *glossolalia* em Antonin Artaud”, de Bárbara de Barros e Antonio Candido Silva da Mata. Ao abordar a *glossolalia* – o falar em línguas – como prática espiritual, os autores investigam uma linguagem que desafia a estabilidade do sentido e em que corpo e espírito deixam de constituir domínios separados. A espiritualidade emerge, assim, como uma experiência corporal, linguística e sensorial.

Essa relação entre visão, sonho e experiência espiritual também é explorada em “Do divã ao êxtase: imaginação visionária e corpo criador em Hilda Doolittle”, de Jessica Ziegler e Adriana Jordão. O estudo investiga a poética de Hilda Doolittle a partir do resgate da memória ancestral por meio dos mitos e dos sonhos, examinando epistemologias que se constroem para além de determinadas fronteiras da psicanálise e em diálogo com tradições esotéricas e mitos antigos. Nessas leituras, o corpo não é apenas o lugar onde a experiência espiritual acontece: ele participa da própria produção de conhecimento.

Outros trabalhos reunidos no dossiê interrogam as relações entre espiritualidade, conhecimento e os limites da razão. Em “O cronotopo do sagrado e a cegueira do cético”, Oziris Borges Filho analisa o percurso de um personagem rosiano que passa do ceticismo a uma imersão violenta no sagrado. A crise epistemológica do personagem é discutida a partir do conceito de cronotopo, de Bakhtin, enquanto sua cegueira desmantela uma postura de arrogância intelectual e o força a confrontar as forças místicas do sertão. A espiritualidade surge, nesse sentido, como aquilo que perturba certezas e exige outras formas de compreensão.

Também a partir da obra de João Guimarães Rosa, Rafael Pansica, em “A versão rosiana do Livro do Êxodo”, investiga a presença de temas metafísicos e espirituais em *Primeiras histórias*, especialmente por meio de sonhos premonitórios, telepatia e intuição. Já em “Aspectos do sagrado nas *Cartas a Milena* de Kafka”, Gabriel Alonso Guimarães examina o papel do nome próprio na correspondência de Kafka com sua tradutora, pensando sua potência criadora em diálogo com a tradição judaica. Esses estudos demonstram como o sagrado pode se inscrever não apenas em instituições ou práticas religiosas, mas na própria linguagem, no sonho, na intuição e no ato de nomear.

A pergunta sobre as relações entre escrita e espiritualidade também atravessa “Poesia como ação contemplativa”, de Marcos Lopes, que investiga a razão de ser do ofício poético e retorna a uma questão fundamental: por que escrever? Ao aproximar teologia e poesia, o artigo propõe uma reflexão sobre a leitura literária da teologia e sobre a escrita como prática de contemplação. Por sua vez, “*La ginestra* de Giacomo Leopardi: aspectos formais e ideológicos”, de Raphael Salomão Khéde, analisa a língua e o estilo do poeta, examinando a complexidade de sua poética a partir de questões editoriais, linguísticas e fônicas, de sua posição filosófica e de sua relação ambivalente com o Iluminismo.

A espiritualidade, contudo, não existe fora da história. Ela também é atravessada por relações de poder, conflitos culturais, processos de colonização e disputas pela produção da memória. Em “Religião e poder no romance histórico brasileiro: autores oitocentistas, autoras contemporâneas”, Patricia Baialuna de Andrade analisa obras do século XIX – *As tardes de um pintor ou as intrigas de um Jesuíta*, de Antônio Gonçalves Teixeira e Souza, e *As minas de prata*, de José de Alencar – em diálogo com romances contemporâneos, *Carta à rainha louca*,

de Maria Valéria Rezende, e *Nada digo de ti, que em ti não veja*, de Eliana Alves Cruz. Ao pensar o Brasil colonial por meio dessas obras, o artigo investiga os processos de reescrita da história e o reposicionamento de vozes que participam da construção do passado.

O período colonial também está no centro de “A pintura textual de Joseph de Jouvancy: estudo introdutório, tradução e notas a um excerto sobre a atividade jesuítica nos primeiros séculos do Brasil colonial”, de Jerfferson Manoel Araujo da Silva Junior e Samuel Anderson Oliveira de Lima. O estudo se dedica ao texto jesuítico e às escolhas envolvidas em sua tradução, evidenciando o choque entre as mundivisões cristã e indígena nos primeiros séculos de dominação europeia no Brasil. A espiritualidade revela-se, nesse contexto, inseparável das relações entre colonização, linguagem e poder.

Em “Religiosidades e usos do território no romance de Cristian Alarcón: disputas e negociações culturais”, Dalva Desirée Climent investiga a religiosidade como questão política e simbólica em espaços de marginalização. O estudo problematiza visões homogeneizantes construídas a partir do mito fundacional, articulando imigração, território e disputas culturais. De maneira distinta, mas igualmente atenta às relações entre espiritualidade e dissidência, “Despuntos del satanismo en la poesía venezolana de entre-siglos (1896-1933): disidencias y reinversiones entre el decadentismo y las vanguardias”, de Ronald Sanoja Cáceres, examina como o tema do satanismo se expressa na poesia venezuelana entre o final do século XIX e o início do século XX. Nesse contexto, as evocações de Satanás podem funcionar como dispositivo crítico diante dos discursos políticos do período.

Os artigos reunidos neste volume também nos convidam a pensar a espiritualidade como uma forma de relação com a natureza e como possibilidade de reencantamento do mundo. Em “Multiconsciência negra e ecoética decolonial em *Now is the Time to Open Your Heart* (2004), um romance espiritualista de Alice Walker”, Cláudio Roberto Vieira Braga investiga a trajetória de uma personagem que entra em contato com saberes indígenas e estabelece novas formas de comunhão com a natureza. A partir do conceito de ecoética decolonial, o estudo propõe uma estrutura crítica para compreender as relações entre espiritualidade, ambiente e colonialidade.

Essa reflexão encontra um importante contraponto em “A poética dos vaga-lumes: encantamento, desencantamento e reencantamento em ‘As margens da alegria’, de Guimarães Rosa”, de Marcio Cappelli Alo Lopes e Maria Luísa Magnani. Ao discutir as imagens do brilho e dos vaga-lumes, o artigo investiga as tensões entre encantamento e desencantamento, propondo a possibilidade de um reencantamento que também se constrói por meio das imagens e da linguagem literária.

A pluralidade das abordagens reunidas neste dossiê impede que pensemos a espiritualidade como uma categoria universal. As tradições, práticas e experiências exploradas pelos vinte artigos reunidos aqui são distintas e, em alguns casos, apresentam tensões entre si. Elas se constituem em diferentes contextos históricos e culturais e mobilizam diferentes cosmologias, epistemologias e relações com o corpo, a linguagem, a natureza e o passado. O que aproxima esses estudos não é a tentativa de reduzir essas diferenças a uma definição comum de espiritualidade, mas o reconhecimento de que a literatura constitui um espaço privilegiado para tornar visíveis, narráveis e pensáveis múltiplas formas de relação com aquilo que compreendemos e percebemos como sagrado, invisível e ancestral.

Em conjunto, os artigos mostram que a espiritualidade pode habitar a memória e o trauma, o sonho e o mito, a voz e o corpo, a história e o território, a natureza e a linguagem.

Pode constituir uma forma de transmissão de conhecimentos, uma resposta ao apagamento, um espaço de conflito e negociação ou uma possibilidade de questionar os limites de determinadas formas de racionalidade. Mais do que resistir àquilo que busca silenciá-la, a espiritualidade, tal como aparece nas obras e estudos reunidos neste volume, também (re)cria linguagens e memórias.

Esperamos que este número da *Aletria* contribua para ampliar as discussões sobre as complexas relações entre literatura e espiritualidade e, ao mesmo tempo, abra espaço para novas perguntas. Em um presente no qual determinadas práticas continuam sendo perseguidas e comunidades religiosas seguem sujeitas a perseguições, violências e silenciamentos, refletir sobre suas formas de existência e transmissão torna-se particularmente urgente. Que as páginas a seguir possam nos lembrar de que aquilo que se tenta apagar também encontra maneiras de permanecer; que a memória pode sobreviver por meio da voz, do corpo, da narrativa e da imaginação; e que a literatura continua sendo um espaço capaz de interpretar o passado, tensionar o presente e imaginar novas possibilidades de futuro.

Boa leitura!

Ane Caroline Ribeiro Costa (Utica University)

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (UERJ)

José de Paiva dos Santos (UFMG)

Referência

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.